

O CUIDADO DE ENFERMAGEM: O SUJEITO DO CUIDADO COMO SUJEITO DA RELAÇÃO*

NURSING CARE: THE SUBJECT OF CARE AS THE SUBJECT OF THE RELATIONSHIP

EL CUIDADO DE ENFERMERÍA: EL SUJETO DEL CUIDADO COMO SUJETO DE LA RELACIÓN

Ana Lúcia Machado¹
Luciana de Almeida Colvero²

Com este ensaio, pretendemos fazer uma viagem para apreciar a subjetividade como via para o cuidado de enfermagem. Escolhemos como itinerário a modernidade, a estação de embarque, e palavras como subjetividade, sujeito e cuidado. Nossa bagagem principal é o pressuposto de que os sinais são lidos como dados que orientam a ação. Esta, porém, não considera o sujeito do cuidado como sujeito da relação. Para estabelecer a finalidade do cuidado de sujeitos que sofrem alteração do processo saúde-doença é necessário fazer uma leitura de sinais. Mas estes sinais, geralmente, são lidos segundo os referenciais biológico, bioquímico, fisiológico e orgânico. Nossos questionamentos para a viagem são: o sinal emana de onde? O excessivo apelo à leitura de sinais descaracterizou o sujeito da relação? Acreditamos que o aprendizado, a pesquisa e todo o cenário do exercício profissional do enfermeiro deveriam ter a marca da crítica. Ou seja, a análise dos sentidos, significados e representações, a partir dos sinais apresentados pelos sujeitos a serem cuidados, inauguraria um espaço para a crítica frente à velocidade e ao acúmulo de informações, aos modismos tecnológicos e ao aparato liberal que invade o campo de atenção à saúde.

PALAVRAS-CHAVES: Cuidado. Enfermagem. Saúde mental.

This study aims at taking a "trip" to appreciate subjectivity as a means to nurse care. We have chosen modernity as our itinerary or route and words such as subjectivity, subject and caring function as our boarding station. Our main luggage is the presupposition that signs are read as data guiding action, however this action does not consider the subject of caring as the subject of the relationship. Reading the signs becomes imperative to establish the object of caring for subjects who suffer alterations in the health-disease process. These signs are usually interpreted within a biological, biochemical, physiological and organic framework. Our queries were: where does the sign come from? Does the excessive appeal to reading signs decharacterize the subject of the relationship? We believe that learning, research and all the nurse's professional practice scenario should be marked by critical thinking – that is, reading senses, meanings and representations attributed to signs by the subjects being care for. This would open space for criticism concerning speed and ever increasing information about technological trends and liberal ideas influencing the health area.

KEY WORDS: Caring. Nursing. Mental health.

Con este ensayo pretendemos hacer un viaje para apreciar la subjetividad como vía para el cuidado de enfermería. Escogimos como itinerario, la modernidad; la estación de embarque, algunas palabras tales como subjetividad, sujeto y cuidado. Nuestro equipaje principal, el supuesto de que las señales son leídas como datos que orientan para la acción, sin embargo ese actuar no considera al sujeto del cuidado como sujeto de la relación. Para establecer la finalidad del

* Trabalho apresentado no 8o Enfetc - Anais Eletrônico 2002.

1 Enfermeira, Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da USP.

2 Enfermeira, Professora Doutora do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da USP.

cuidado de sujetos, que sufren alteración del proceso salud-enfermedad, es necesario hacer una lectura de señales. Estas señales, generalmente, son leídas según referenciales biológico, bioquímico, fisiológico, orgánico. Nuestro cuestionamiento para el viaje: de dónde emana la señales? El excesivo apelo a la lectura de señales, descaracterizó al sujeto de la relación? Creemos que el aprendizaje, la investigación y todo el escenario del ejercicio profesional del enfermero, deberían tener la marca de la crítica, o sea, una lectura de los sentidos, significados y representaciones, dadas por las señales presentadas por los sujetos a ser cuidados. Con esto inaugurar el espacio para la crítica frente a la velocidad y acumulo de informaciones, a los modismos tecnológicos y al aparato liberal que invade el campo de atención a la salud.

PALABRAS- CLAVE: Cuidado. Enfermería. Salud Mental.

INTRODUÇÃO

Nossa proposta neste ensaio é fazer uma viagem intelectual para apreciar a subjetividade como via para o cuidado de enfermagem. Nessa viagem, escolhemos o itinerário ou roteiro da modernidade; a estação de embarque são algumas palavras a serem definidas adiante.

Nossa bagagem principal é o pressuposto de que os sinais são lidos como dados que informam para a ação, mas essa ação do profissional não tem o sujeito do cuidado como sujeito da relação. O que queremos dizer com essa bagagem? A prática social da enfermagem tem como finalidade o cuidado de sujeitos que sofrem qualquer alteração do processo saúde-doença. Para estabelecer essa finalidade, há que se fazer uma leitura de sinais. Os sinais emitidos pelo sujeito que sofre são, geralmente, lidos num referencial biológico, químico, bioquímico, fisiológico e orgânico. Exemplificando: sinais emitidos por alterações hemodinâmicas, de tônus muscular, integridade óssea ou dermatológica, de pressão arterial, de frequência cardíaca, respiratória, de temperatura corporal, de nível de consciência, de funcionamento de órgãos em geral etc. Essas alterações se codificam em sinais pelo próprio sujeito que sofre (queixas diversificadas, ou seja, os sintomas), por aparelhos, exames laboratoriais e procedimentos diversos (tecnologias).

Nosso questionamento, ou nosso combustível para a viagem, é o seguinte: o sinal emana de onde?

Nosso objetivo é refletir sobre subjetividade como uma via para o cuidado de enfermagem.

REFLEXÕES

Pronta a bagagem básica, dirigimo-nos à estação de embarque – as palavras. Para que nossa viagem transcorra com a melhor qualidade intelectual possível para este momento, definiremos as palavras subjetividade, subjetivo e cuidado, compreendidas, aqui, na perspectiva filosófica. Subjetividade: "1. Caráter de todos os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência, que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de 'meus'. 2. Caráter do que é subjetivo no sentido de ser aparente, ilusório ou falível. Nesse sentido, Hegel situava na esfera da subjetividade o dever-ser em geral, bem como os interesses e as metas do indivíduo [...] Kierkegaard quis inverter o ponto de vista hegeliano, colocando a subjetividade acima da objetividade [...]" (ABBAGNANO, 1999, p. 922). Subjetivo: "Aquilo que pertence ao sujeito ou tem caráter de subjetividade [...] O significado de subjetivo como pertencente ao eu ou ao sujeito do homem é encontrado pela primeira vez em alguns escritores alemães do séc. XVIII [...] Entendia-se por objetiva 'uma propriedade dos objetos', e por subjetiva 'uma representação da relação entre as coisas e nós, ou seja, uma relação com quem as pensa'." (ABBAGNANO, 1999, p. 922). Cuidado: "A preocupação, que,

segundo Heidegger, é o próprio ser do ser-aí, isto é, da existência. O cuidado é a totalidade das estruturas ontológicas do ser-aí enquanto ser-no-mundo: em outros termos, compreende todas as possibilidades da existência que estejam vinculadas às coisas e aos outros homens e dominadas pela situação [...]" (ABBAGNANO, 1999, p. 224).

O tecnicismo, carreado pela modernidade, favoreceu a era da informação pelos sinais. O excessivo apelo à leitura de sinais para a compreensão da realidade e para a ação (velocidade, eficiência), descaracterizou o sujeito da relação. Kurz (2002) se espanta ao constatar que a expressão "sociedade do conhecimento" esteja sendo empregada quase como sinônimo de "sociedade da informação". A sociedade do conhecimento, na atualidade, está caracterizada pelo abuso de informações. O autor, porém, discute o fato de que o conceito de informação "[...] não é, de modo nenhum, abarcado por uma compreensão bem elaborada do conhecimento." (KURZ, 2002, p. 6). A informação seria um excesso de sinais e o conhecimento seria o sujeito pensando criticamente, isto é, o discernimento, o julgamento do sujeito que lê os sinais. Quando o sujeito alcança esse discernimento, ocorre a construção do conhecimento enquanto saber aplicável a um certo objeto. A relação do sujeito com o objeto, centrada basicamente na leitura de sinais, desumaniza o objeto e consolida uma "[...] concepção do conhecimento instrumental e regulatória, cuja forma do saber era a conquista do caos pela ordem." (SANTOS, 2000, p. 29).

A "informação" tem sido entendida de maneira ampliada, incluindo até "procedimentos mecânicos", quer dizer, vários sons, sinais, dados exemplificados por Kurz (2002) como o som de uma buzina, o alto-falante do supermercado, a previsão do tempo, a mensagem automática da próxima estação do metrô etc. O autor afirma que "estar informado" significa, então, estar totalmente "em forma", formado pelos imperativos dos sistemas de sinais técnicos, sociais e econômicos, para funcionar, portanto, como a porta de

comunicação de um circuito complexo. E mais nada. A geração jovem da chamada sociedade do conhecimento é talvez a primeira a perder a visão pueril quanto ao "sentido da vida". Os "informados" desde pequenos não compreendem mais nem sequer o significado da palavra "crítica". Eles identificam esse conceito com o erro crítico, indicação de um problema sério, "[...] a ser prontamente eliminado na execução de um programa." (KURZ, 2002, p. 6). Se, ao estabelecer o cuidado de enfermagem, o profissional valoriza e visualiza prioritária ou exclusivamente o sinal biológico, químico, bioquímico, fisiológico, enfim, só o sinal orgânico em detrimento de outros sinais emitidos e captados na relação, há um "pseudo-cuidado", há uma inobservância para a inclusão do sujeito na ação de cuidar.

A modernidade, como escreve Santos (1999, p. 35), citando Hobbes, Locke e Rousseau, "[...] é problemática e plena de antinomias – entre coerção e consentimento, igualdade e liberdade, soberano e cidadão, direito natural e direito civil." O mesmo autor avança na reflexão:

Os valores da modernidade – a liberdade, a igualdade, a autonomia, a subjetividade, a justiça, a solidariedade – e as antinomias entre eles permanecem, mas estão sujeitos a uma crescente sobrecarga simbólica, ou seja, significam coisas cada vez mais dispares para pessoas ou grupos sociais diferentes, e de tal modo que o excesso de sentido se transforma em paralisia da eficácia e, portanto, em neutralização. (SANTOS, 1999, p. 35).

Continuando nossa viagem, apreciando a subjetividade como via para o cuidado de enfermagem, já que estamos seguindo o roteiro da modernidade, fazemos uma parada rápida para alguns questionamentos: Como observar o sujeito? Como priorizar a relação com o sujeito para que o cuidado de enfermagem se estabeleça? Como impedir o excesso de leitura do sinal irreflexivo, ou seja, uma leitura de sinais apenas técnicos, sem a inclusão necessária de quem os produziu, quer dizer, o sujeito a ser cuidado?

Guareschi (1998) nos auxilia na compreensão de nossa bagagem nessa viagem, ao alertar que os sinais hipervalorizados

transformam o sujeito em sujeito apagado da relação. Apresenta-se, novamente, a questão dos sinais distanciados do sujeito que os produz ou do sujeito do cuidado. Guareschi (1998, p. 153) chama a atenção para o fato de que:

[...] dizer que o ser humano é relação é diferente de dizer que ele é um ser "em" relação [...] As condutas de dominação, exploração, mostram como os indivíduos, dentro duma concepção essencialmente liberal, estabelecem "relações", mas pensam e agem como alguém que não tem nada a ver com os outros.

O autor afirma que é possível, com a ajuda da psicologia social, refletir sobre a concepção de ser. "[...] nós somos o resultado de milhões de relações que estabelecemos no decorrer de nossa existência." (GUARESCHI, 1998, p. 153). Relações passageiras, conflitantes, complexas, positivas ou não, assim é edificada a construção do sujeito.

O mesmo autor destaca duas palavras, fundamentais para nossas reflexões neste ensaio: singularidade e subjetividade. "Entendo singularidade como enfatizando a dimensão do ser humano enquanto é um ser único, irrepetível, absolutamente singular [...] Entendo, porém, subjetividade como um conceito que enfatiza e tenta dar conta daquela realidade que constitui o conteúdo de nosso ser." (GUARESCHI, 1998, p. 154). A realidade é, assim, percebida como um conjunto de relações estabelecidas ao longo da vida. "A singularidade chama a atenção para o fato de sermos diferentes; a subjetividade chama a atenção para o fato de que nós somos 'os outros', isto é, nos constituímos de relações, de experiências que estabelecemos e vamos estabelecendo a cada dia." (GUARESCHI, 1998, p. 154).

O cuidado pode ser entendido como uma das finalidades da prática profissional e social da Enfermagem. Para se alcançar esta finalidade, são necessários alguns instrumentos como o relacionamento interpessoal, a comunicação terapêutica e os diversos procedimentos e técnicas que minimizam o sofrimento do outro.

Em pesquisa realizada anteriormente, evidenciamos que o cuidar em enfermagem vem carregado por termos como aceitação mútua, apoio emocional e desejo de ajudar. A despeito

dos instrumentos utilizados no ensino e na prática, que investem na minimização do sofrimento do outro e de uma produção científica da área que evidencia um apelo para a humanização do cuidado, constatamos a supremacia da técnica em detrimento da relação (MACHADO; COLVERO, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos na existência de uma crise paradigmática nas ciências humanas. Na Enfermagem, vivenciamos o "[...] caos do paradigma de gente que cuida de gente." (COLVERO; MACHADO, 1999, p. 171). A crise trata de questionar referenciais utilizados em certas ciências, como o paradigma cartesiano, na área da saúde, e o paradigma positivista, numa perspectiva puramente biológica, para a compreensão dos fenômenos do processo saúde-doença vivenciados pelos sujeitos.

Falamos em crise, pois certos referenciais teóricos que nos sustentavam, parecem ruir aqui e ali. Há que se desencadear uma reflexão interdisciplinar – dialogar com quantas áreas do conhecimento forem necessárias e possíveis para nos reconstruirmos, resignificarmos. (COLVERO; MACHADO, 1999, p. 171).

Não existe ainda o novo paradigma pronto e, por conseguinte, não existe uma forma pronta para assistir e para educar a assistir.

Questionamos, no artigo citado, as formas prontas, enquanto modelos de saber produzidos pelo pragmatismo, operacionalismo e individualismo e uma enfermagem em consonância com a ordem e a normatização.

Creemos que o aprendizado, a pesquisa e todo o cenário do exercício profissional do enfermeiro deveriam ter a marca da crítica. Isto é, privilegiar a leitura dos sentidos, significações e representações dadas pelos sinais apresentados pelos sujeitos a serem cuidados, para, com isso, inaugurarmos o espaço da crítica diante da velocidade e do acúmulo de informações, dos modismos tecnológicos e do aparato liberal que invade o campo da atenção à saúde.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- COLVERO, L.A.; MACHADO, A.L. O cuidado na dimensão subjetiva: o ensino das relações interpessoais. In: LABATE, R.C. (Org.). **Caminhando para a assistência integral**. Ribeirão Preto: Scala, 1999. Cap. 3, p. 169-79.
- GUARESCHI, P. Alteridade e relação: uma perspectiva crítica. In: ARRUDA, A. **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 149-161.
- KURZ, R. A ignorância da sociedade do conhecimento. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Caderno "Mais", p. 5-7, 13 jan. 2002.
- MACHADO, A. L; COLVERO, L de A. O cuidado de enfermagem: olhando através da subjetividade. **Acta Paul.Enf.**, São Paulo, v.12, n.2, p. 66-72, 1999.
- SANTOS, B de S. Reinventar a democracia: entre o pré-contratualismo e o pós-contratualismo. In: HELLER, A. et al. **A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999. p.33-75.
- _____. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

